



Jon Stewart sobre a *Doutrina de Ludwig Feuerbach da Humanidade do Divino na Essência do Cristianismo*¹

Kelvin Amorim de Melo²
Kristina Bosakova³

Resumo: Por várias décadas, Ludwig Feuerbach, que em seus anos de juventude era conhecido como aluno e seguidor de Hegel e mais tarde como um de seus críticos mais severos, tem sido por muitas razões um filósofo significativamente negligenciado. No entanto, nos últimos anos, temos sido testemunhas de uma espécie de renascimento da filosofia de Feuerbach. Pensadores como Jürgen Habermas têm descoberto os traços da filosofia de Feuerbach, antropologia e filosofia dialógica em vários ramos do pensamento contemporâneo pós-metafísico. Um dos pesquisadores cujas atividades profissionais contribuíram para o renascimento do interesse pela filosofia de Feuerbach é Jon Stewart. Em seu livro *Hegel's Century: Alienation and Recognition in a Time of Revolution*, no capítulo “*Feuerbach's Doctrine of the Humanity of the Divine in The Essence of Christianity*”, Stewart apresenta Feuerbach não apenas em contraposição a Hegel, mas também acentua a influência hegeliana na filosofia de Feuerbach. Ele afirma que o objetivo da crítica de Feuerbach ao cristianismo não é a destruição da religião, mas a libertação da humanidade da idolatria.

Palavras-chave: Deus; humano; amor; sentimento de dependência absoluta; projeção; idolatria; religião.

Jon Stewart on *Feuerbach's Doctrine of the Humanity of the Divine in the Essence of Christianity*

Abstract: For several decades, Ludwig Feuerbach — who in his youth was known as a student and follower of Hegel, and later as one of his most severe critics — has, for many reasons, been a significantly neglected philosopher. However, in recent years, we have witnessed a kind of revival of Feuerbach's philosophy. Thinkers such as Jürgen Habermas have identified traces of Feuerbach's philosophy, anthropology, and dialogical thought in various branches of contemporary post-metaphysical thinking. One scholar whose academic work has contributed to the renewed interest in Feuerbach's philosophy is Jon Stewart. In his book *Hegel's Century: Alienation and Recognition in a Time of Revolution*, in the chapter “*Feuerbach's Doctrine of the Humanity of the Divine in The Essence of Christianity*”, Stewart presents Feuerbach not only in opposition to Hegel but also emphasizes Hegel's influence on Feuerbach's philosophy. He argues that the aim of Feuerbach's critique of Christianity is not the destruction of religion, but rather the liberation of humanity from idolatry.

Keywords: God; human; love; feeling of absolute dependence; projection; idolatry; religion.

¹ Publicação original: Jon Stewart on *Feuerbach's Doctrine of the Humanity of the Divine in The Essence of Christianity*. **FILOZOFIA**, v. 78, n. 9, p. 746-759, 2023. Disponível em: <https://www.sav.sk/journals/uploads/11141302filozofia.2023.78.9.5.pdf>.

² Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). E-mail: kelvinamorim@live.com.

³ Doutora em História da Filosofia pela Universidade Pavol Jozef Šafárik University (UPJŠ - Eslováquia). Professora do Departamento de Filosofia e História da Filosofia (UPJŠ). E-mail: kristina.bosakova@upjs.sk.

Jon Stewart sobre la *Doctrina de Ludwig Feuerbach acerca de la Humanidad de lo Divino en la Esencia del Cristianismo*

Resumen: Durante varias décadas, Ludwig Feuerbach — conocido en su juventud como alumno y seguidor de Hegel, y más tarde como uno de sus críticos más severos — ha sido, por muchas razones, un filósofo significativamente olvidado. No obstante, en los últimos años hemos sido testigos de una especie de renacimiento de la filosofía de Feuerbach. Pensadores como Jürgen Habermas han identificado huellas de la filosofía de Feuerbach, su antropología y su pensamiento dialógico en diversas ramas del pensamiento contemporáneo post-metafísico. Uno de los investigadores cuyas actividades académicas han contribuido al resurgimiento del interés por la filosofía de Feuerbach es Jon Stewart. En su libro *Hegel's Century: Alienation and Recognition in a Time of Revolution*, en el capítulo “Feuerbach's Doctrine of the Humanity of the Divine in The Essence of Christianity”, Stewart presenta a Feuerbach no solo en contraposición a Hegel, sino que también destaca la influencia hegeliana en la filosofía de Feuerbach. Sostiene que el objetivo de la crítica de Feuerbach al cristianismo no es la destrucción de la religión, sino la liberación de la humanidad de la idolatría.

Palabras clave: Dios; humano; amor; sentimiento de dependencia absoluta; proyección; idolatría; religión.

1.

Ludwig Feuerbach era conhecido como um estudante e seguidor de Hegel em seus anos mais jovens, mas mais tarde se tornou um de seus críticos mais severos. Embora ele nunca tenha alcançado a fama e admiração desfrutadas por seu mentor, a filosofia de Feuerbach dialógica moldada antropologicamente e sua filosofia da religião baseada na relação intersubjetiva entre Eu e Tu foram uma influência considerável no desenvolvimento do pensamento ocidental nas eras moderna e pós-moderna; de fato, é possível que o impacto de seu trabalho seja comparável ao da filosofia do direito precisamente elaborada ou ao processo de reconhecimento mútuo entre dois sujeitos iguais que Hegel delineou na *Fenomenologia do Espírito*. No entanto, a reputação de Feuerbach declinou após sua morte e seu trabalho falhou em atrair atenção acadêmica por muitos anos. Há muitas razões pelas quais isso acontece, uma das quais pode ser a falta de uma abordagem integrada para a pesquisa da filosofia de Feuerbach.

Acadêmicos que estudam Feuerbach estão espalhados por todo o mundo, e as tentativas de criar um centro de pesquisa autônomo que integraria todas as pesquisas atuais sobre o legado de Feuerbach só recentemente deram frutos com o estabelecimento da *Arbeitsstelle Internationale Feuerbachforschung*⁴ na Universidade de Münster em 2011, uma cooperação internacional que esteve envolvida, entre outras atividades, na

⁴ Disponível em: <https://www.uni-muenster.de/EW/forschung/forschungsstellen/feuerbach/index.html>.

organização da reedição de uma série de obras de Feuerbach pela *Waxman Publishing* (Reitemeyer *et al.* 2023; Tomasoni, 2015; Reitemeyer, 2019). A *Arbeitsstelle Internationale Feuerbachforschung* foi estabelecida como resultado do esforço de longa data dos membros da *Feuerbach Association (Die Internationale Gesellschaft der Feuerbachforscher; Societas ad studia de hominis condicione colenda)*, Francesco Tomasoni e Takayuki Shibata, e sua presidente Ursula Reitemeyer. A *Arbeitsstelle* visa criar uma biblioteca de pesquisas sobre a filosofia de Feuerbach, reunindo pesquisadores de todo o mundo e encorajando-os a compartilhar suas descobertas sobre o impacto do pensamento de Feuerbach na filosofia contemporânea. Desde sua fundação, a *Arbeitsstelle* recebeu vários pesquisadores convidados de universidades europeias, americanas e latino-americanas, organizou três conferências acadêmicas e publicou oito livros, coletou volumes ou monografias sobre o legado filosófico de Feuerbach.

Em segundo lugar, e talvez mais significativamente, a reputação de Feuerbach sofreu por muito tempo devido a uma interpretação errônea geral de sua crítica à religião. Sua crítica aos aspectos mais dogmáticos do cristianismo tem sido alvo de ataques tanto de marxistas quanto de cristãos, e isso tem feito muito para marginalizar Feuerbach e os muitos estudiosos que pesquisam sua filosofia.

No entanto, nos últimos anos têm-se visto um renascimento no estudo da filosofia de Feuerbach. Pensadores como Jürgen Habermas identificaram os traços da antropologia e da filosofia dialógica de Feuerbach em vários ramos do pensamento contemporâneo pós-metafísico. Em sua recente reflexão de dois volumes sobre a história da filosofia intitulada *Auch eine Geschichte der Philosophie*, publicada em alemão em 2019 (Habermas, 2019; Habermas, 2023), Habermas aborda o desenvolvimento da tradição filosófica ocidental (*Dritte Zwischenbetrachtung*) através da tradição pós-hegeliana de comunicação e reconhecimento intersubjetivos (Habermas, 2019, p. 593). Começando com os jovens hegelianos, Habermas examina a virada antropológica de Feuerbach através de sua filosofia da comunicação entre sujeitos vivos e corpóreos (Habermas, 2019, p. 603-623). Outro estudioso cujo trabalho contribuiu muito para esse renascimento contínuo do interesse pela filosofia de Feuerbach é Jon Stewart.

2.

O livro de Jon Stewart *Hegel's Century: Alienation and Recognition in a Time of Revolution* é uma importante obra que descreve a enorme influência que o pensamento de

Hegel exerceu não apenas na filosofia do século XIX, mas em toda a sua sociedade, religião e cultura. Stewart volta sua atenção para Feuerbach no capítulo intitulado “*Feuerbach's Doctrine of the Humanity of the Divine in The Essence of Christianity*”, no qual Stewart adota uma abordagem mais tradicional a Feuerbach, argumentando que Feuerbach representa uma contraposição a Hegel. Feuerbach é descrito como um pensador que se via como um filósofo materialista, “lidando com coisas materiais no mundo real e não apenas com ideias” (Stewart, 2021, p. 94). O exame de Stewart da filosofia de Feuerbach começa notando seu interesse em Hegel e com o impacto do legado filosófico de Hegel em gerações subsequentes de filósofos, incluindo os Jovens Hegelianos, sugerindo inicialmente que a perspectiva de Feuerbach pode parecer um pouco mais hegeliana, especialmente no caso de sua explicação quase exclusivamente racional das razões que levaram a humanidade a estabelecer a religião. Conforme o capítulo continua, no entanto, Stewart argumenta que Feuerbach emerge como uma figura filosófica autônoma ao oferecer uma interpretação precisa e independente das passagens da obra de Feuerbach nas quais o legado hegeliano não é particularmente aparente.

Com base na questão que Feuerbach coloca sobre “A Natureza Essencial do Homem” (Stewart, 2021, p. 95; Feuerbach 1989, p. 1-12) no início de *A Essência do Cristianismo*, Stewart demonstra que o pensamento de Feuerbach se desenvolveu movendo-se em uma direção oposta à que é prenunciada por Hegel. Feuerbach compartilha a opinião de Hegel de que é acima de tudo a capacidade de abstração, a habilidade de criar ideias, que diferencia os humanos dos animais. Mas enquanto Hegel toma essa ideia como ponto de partida, movendo-se do mundo imaterial em direção ao material alienado da natureza e então de volta ao espírito absoluto, Feuerbach faz o oposto:

De acordo com Feuerbach, a resposta para isso está na natureza da autoconsciência. Os animais são imediatamente conscientes de si mesmos como indivíduos, mas não conseguem abstrair disso para pensar em si mesmos de forma mais geral como uma espécie. Os seres humanos, por outro lado, têm essa capacidade (Stewart, 2021, p. 95).

Este conceito emerge da chamada essência dupla do humano, consistindo no elemento natural que se manifesta através de sua existência corporal e do divino representado pela consciência. No entanto, esta capacidade não surge em si mesma. Em vez disso, é o processo de movimento da percepção concreta e sensual das coisas materiais em direção aos conceitos mais abstratos de espécies, sua natureza ou sua essência. Uma

vez que esta abstração permite o desenvolvimento de sistemas simbólicos caracteristicamente humanos, como a ciência e a religião, o seu conteúdo não poderia ser alcançado sem a aplicação da observação empírica e da percepção sensual [*sensual perception*]. Em contradição com as ideias de Platão e Hegel e a crença cristã na criação do mundo material pelo espírito imaterial chamado Deus, Feuerbach argumenta contra a capacidade das ideias de criar conteúdo por si mesmas.:

O tom do texto muitas vezes deu aos críticos a impressão de que o objetivo final de Feuerbach é minar o cristianismo e a religião como um todo. Mas no prefácio da segunda edição da obra, ele está entusiástico para refutar reprovações desse tipo. Feuerbach ressalta que a primeira metade do livro é dedicada explicitamente a demonstrar a verdadeira natureza do cristianismo. Seu objetivo, como o de Hegel, é colocar o cristianismo em uma base sólida. Por essa razão, na segunda metade da obra, ele está entusiástico para criticar o que ele considera imagens equivocadas e enganosas do cristianismo que são apresentadas na teologia dominante de sua época. De acordo com Feuerbach, essas visões apresentam ilusões e, portanto, fazem o cristianismo parecer contraditório e implausível. Em contraste, sua própria posição pode ser vista como um resgate. Mas aqui a questão aos olhos de seus críticos é se o remédio é pior que a doença, já que, para salvar o cristianismo, Feuerbach deve interpretá-lo tão radicalmente que ele parece ter perdido quase todos os seus dogmas mais definidores (Stewart, 2021, p. 94).

Enquanto Stewart observa que Feuerbach não concorda com a interpretação de Hegel da separação do humano em corpo e alma e a alienação que se estabeleceu posteriormente, ele admite que a percepção dessa dicotomia permitiu o surgimento da religião. Em sua descrição do processo de surgimento da religião na história da humanidade, Stewart está agudamente ciente das condições epistemológicas e das faculdades intelectuais dos seres humanos que Feuerbach acreditava serem os pressupostos necessários para a criação da religião e seu estabelecimento na sociedade. Esses pressupostos permanecem como evidência clara da capacidade humana de criar religião junto com outros sistemas simbólicos de uma maneira que é contrária à do animal, mas não explicam a motivação real para fazê-lo, uma que Feuerbach vê como o emergir de uma necessidade emocional em vez de uma formação intelectual. Para Feuerbach, é a noção de dependência absoluta⁵, a consciência da vulnerabilidade humana na natureza, que leva o ser humano a formar uma imagem de Deus como “um ser absoluto e infinito” (Stewart 2021, p. 96), que “de acordo com Feuerbach ... é simplesmente a consciência de nós

⁵ O sentimento de dependência absoluta é conceituado por Stewart mais adiante, na página 97, onde ele enfatiza a semelhança das abordagens de Schleiermacher e Feuerbach sobre o papel do sentimento no verdadeiro conhecimento de Deus como uma consequência do Romantismo.

mesmos naquela parte de nossa natureza que é infinita; isto é, nossa consciência” (Stewart, 2021, p. 96).

Stewart também se inclina para a argumentação epistemológica na definição de intersubjetividade de Feuerbach, na qual a capacidade humana da empatia é novamente vista mais como um resultado da capacidade humana de abstração do que de relacionamentos intersubjetivos emocionalmente condicionados:

A capacidade humana de pensar e abstrair significa que somos capazes de nos ver da perspectiva do outro, mesmo quando o outro não está lá no momento. Para os animais, a relação com o outro é sempre imediata; o outro animal deve estar lá fisicamente para que eles tenham essa relação. Mas esse não é o caso dos humanos. Já que podemos pensar na natureza humana como um conceito abstrato, podemos pensar em outro ser humano mesmo quando estamos sozinhos... Assim, os humanos têm a capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa a qualquer momento... Feuerbach argumenta que essa capacidade é a origem do pensamento religioso, pois significa que podemos nos ver da perspectiva de outra autoconsciência – Deus – mesmo onde nenhuma existe. Na religião, pensamos em Deus, um ser absoluto e infinito. De acordo com Feuerbach, isso é simplesmente a consciência de nós mesmos naquela parte de nossa natureza que é infinita; isto é, nossa consciência... A capacidade de pensar em termos de conceitos abstratos é o que constitui o infinito, pois os conceitos podem ser interpretados e aplicados em um número infinito de casos concretos (Stewart, 2021, p. 95-96).

Por outro lado, a observação de que a visão sobre Deus de Feuerbach como um conceito abstrato das mais altas capacidades humanas – aquelas que não estão sujeitas às limitações da existência corpórea – é indubitavelmente inspirada pelo idealismo de Hegel (embora o próprio Feuerbach nunca admitisse isso) é muito precisa; leva à revelação de que, apesar de sua rejeição a Hegel e do foco que ele coloca na cognição sensual [*sensual cognition*] nos *Princípios da Filosofia do Futuro* (Feuerbach 2012, § 32, p. 224-225), a perspectiva epistemológica de Feuerbach permanece hegeliana em *A Essência do Cristianismo*. “São as ideias da mente humana que constituem o divino” (Stewart, 2021, p. 97). Apesar desse intelectualismo especulativo hegeliano, Stewart chama a atenção para o fato de que as especulações de Feuerbach sobre a possível cognição de Deus estão alinhadas com as de outro filósofo da religião, Friedrich Schleiermacher. O pensamento de Schleiermacher levou Feuerbach a concluir que a noção de dependência absoluta foi a principal motivação para o surgimento da religião na cultura humana. No entanto, enquanto Schleiermacher visava “resgatar a religião da ciência” (Stewart, 2021, p. 97-98), a perspectiva de Feuerbach era muito menos romântica, e eu, portanto, hesitaria um pouco

em atribuir a importância dos sentimentos na filosofia de Feuerbach à influência do movimento romântico.

Schleiermacher argumentou pela existência de uma entidade objetiva e transcendente que era capaz de satisfazer a necessidade humana de segurança articulada no sentimento de dependência absoluta, mas para Feuerbach, a relação humana com Deus era meramente emocional; conquanto, como Feuerbach afirma, a única entidade com a capacidade de refletir sentimentos humanos e atender à necessidade desesperada de segurança fosse outro ser humano. Dessa forma, Deus se tornou uma imagem de ser humano perfeito não material. Assim, como Stewart argumenta, Deus não é algo externo, um ser objetivo, mas é, em vez disso, o sentimento [*feeling*] que reside dentro do humano, a sensação [*sensation*] que pode ser considerado como

O mais alto, o mais grandioso e o absoluto, e isto é, por definição, o que chamamos de divino. Mas não se segue que haja algo objetivo que corresponda a isso. Assim, Feuerbach argumenta que a conclusão dessa visão é uma forma de ateísmo, mas seus defensores estão demasiado assustados com esse resultado para admitir isso (Stewart, 2021, p. 98).

Este conceito levanta uma questão sobre a verdadeira natureza da relação entre ateísmo e fé religiosa; no período atual de pluralismo religioso, não podemos assumir que a fé é simplesmente intercambiável com o teísmo. A definição comumente aceita de ateísmo na era de Hegel como uma ausência de fé religiosa devido à negação da existência de Deus não pode mais ser considerada válida. Alguns teólogos e filósofos contemporâneos da religião, como o vencedor do Prêmio Templeton tcheco Tomáš Halík (2009) ou a filósofa materialista francesa Simone Weil (2009), sugeriram que a idolatria, em vez do ateísmo, deveria ser vista como a real contraposição à fé religiosa (Kočí, 2015, p. 97-126). Stewart descreve isso como a teoria da projeção de Feuerbach, na qual Feuerbach argumenta que todos os atributos humanos positivos são projetados em sua versão geral e ilimitada em um ser objetivo, externo, mas ainda imaterial, chamado Deus. Isso, por sua vez, levanta a questão de se a projeção de atributos humanos específicos, mesmo na forma de uma divindade muito geral e abstrata, não resulta na objetificação (*die Vergegenständlichung*) do próprio Deus. Esse processo ainda pode ser definido como projeção, ou já cruzamos a linha da idolatria? Até que ponto tal crença é contrária à fé em Deus, um ser cuja natureza real frequentemente permanece oculta tanto para ateus quanto para crentes?

3.

Essas considerações também levantam a questão mais ampla da crença na existência de Deus. É possível aceitar a existência de um objeto que não possui atributos concretos? Além disso, não estamos de fato criando um ídolo pelo ato de atribuir atributos humanos típicos a Deus? Feuerbach argumenta que todas as coisas que existem possuem um conjunto específico de atributos, e esse também seria o caso de Deus se acreditássemos em sua existência. Mais uma vez, Feuerbach

acredita que sua posição pode ajudar a salvar a religião de erros desse tipo. Ao dizer que Deus é simplesmente um conjunto de atributos humanos, isso não é uma negação de Deus ou uma declaração de ateísmo. Feuerbach acredita que sua visão vê Deus como ele verdadeiramente é, então a religião pode ter uma base firme (Stewart, 2021, p. 100).

Essa base firme está até certo ponto conectada a um certo grau de flexibilidade e à disposição de admitir que qualquer imagem de Deus, independentemente de ser uma divindade monoteísta ou politeísta, emerge de um contexto histórico específico e é frequentemente o resultado de entendimentos contemporâneos da natureza humana: representando os valores mais estimados nos próprios humanos ou, no caso das chamadas “religiões naturais”, os atributos mais valorizados na própria natureza⁶. Esse processo de ideação ocorre na e por meio da autoalienação dos humanos (Stewart, 2021, p. 101), o processo pelo qual a existência concreta e corpórea da humanidade é separada de suas qualidades espirituais e abstraída e refinada além de seus limites naturais antes de ser atribuída a outro ser externo.

Nesse sentido, projeção é uma separação ou uma distinção, uma divisão de algo que era originalmente um. Especificamente, essa é uma forma de autoalienação, pois envolve projetar qualidades humanas no divino e apresentá-las como algo estranho ou diferente. Os humanos, portanto, não são separados de uma coisa ou outra, mas sim de si mesmos ou de sua própria natureza (Stewart, 2021, p. 101).

Embora o resultado desse ato de autoalienação apareça sob uma luz muito negativa mesmo neste estágio de desenvolvimento, todo o procedimento está longe de ser completo. Depois que seus melhores atributos foram arrancados e atribuídos a outro ser, a Deus, o

⁶ Como Stewart enfatiza, Feuerbach se inspira aqui não apenas pela classificação das religiões do mundo de Hegel, mas também pelo seu conceito de projeção, embora a compreensão de Feuerbach sobre a alienação difira da de seu mestre. Feuerbach não fala sobre a alienação do espírito em relação a si mesmo na natureza, mas discute a alienação dos seres humanos de sua verdadeira natureza através do processo de divisão e desunião, quando certas qualidades são retiradas do humano e atribuídas a Deus como a forma mais elevada do humano, aquela que está livre da existência corpórea (Stewart, 2021, p. 100-101).

invólucro restante do humano adquire um aspecto predominantemente negativo. Embora seja permitido ao humano reter sua existência corpórea, os limites dessa existência se tornam uma fonte de negatividade adicional, com o cristianismo em particular associando o corpo humano à fraqueza e aos vícios corpóreos.

Feuerbach argumenta que é um aspecto natural da lógica da objetificação que, quando os humanos concebem Deus, eles tentam entendê-lo como sendo maior que os humanos. Então, eles atribuem a ele as qualidades positivas, enquanto atribuem a si mesmos as negativas... Os humanos, portanto, se privam das coisas que atribuem a Deus. Por exemplo, como vimos, há um sentimento religioso que diz que o conhecimento é somente para Deus e que nós, como seres humanos, não podemos saber nada em última instância. Para que saibamos, Deus deve nos revelar algo, mas por nós mesmos somos incapazes de atingir a verdade. Da mesma forma, os humanos são concebidos como maus e pecadores, onde somente Deus é verdadeiramente bom. Dessa forma, os seres humanos e Deus são concebidos como sendo os opostos polares um do outro, com Deus tendo todas as qualidades positivas e os humanos todas as negativas. De acordo com essa visão, os humanos são alienados de seus verdadeiros eus (Stewart, 2021, p. 101).

Stewart está afirmando aqui que a crítica de Feuerbach ao cristianismo não tem a intenção de causar a destruição da religião, mas sim a libertação do humano da idolatria que existe na religião revelada. Feuerbach observa que foram os próprios humanos que criaram o ídolo, atribuindo os melhores atributos humanos a Deus e definindo a si mesmos pelas qualidades negativas restantes; esse senso de alienação de si mesmos resulta em uma forma semelhante de alienação de Deus, e em vez de ver a presença de Deus em cada ser humano, os humanos são resignados a adorar um ídolo externo e transcendente:

Inversamente, quando percebemos que o divino é apenas a natureza humana objetivada, então podemos começar a nos reconhecer em Deus. Além disso, quando entendemos isso, podemos vir a recuperar as características positivas da humanidade que havíamos abandonado anteriormente (Stewart, 2021, p. 101-102).

Nesse sentido, a essência do humano de Feuerbach encena a mesma forma de movimento realizada pelo espírito absoluto de Hegel, um processo de alienação que, em última análise, leva de volta a si mesmo (Stewart, 2021, p. 102).

Stewart também enfatiza que Feuerbach define o conceito de razão “de uma forma menos técnica, mais em sintonia com o uso comum” (Stewart, 2021, p. 102). Seu uso do termo também difere ligeiramente da forma como é aplicado no idealismo alemão em geral⁷. Ele também argumenta que, tanto para Feuerbach quanto para Hegel, Deus

⁷ Neste ponto ele está pensando, em particular, em Kant e Hegel.

representa a faculdade geral de compreensão; essa capacidade é universal e se aplica igualmente a todas as pessoas e, portanto, difere de uma experiência puramente emocional que é percebida subjetivamente e carece da capacidade de “construir quaisquer pontes entre nós e outras pessoas” (Stewart, 2021, 103). Esta percepção de Deus como representante de uma universalidade de compreensão racional que permite relações interpessoais contrasta fortemente não apenas com as afirmações da cognição emocional de Deus mencionadas acima, mas também com a filosofia comunicativa de Feuerbach do Eu e Tu, na qual ele formula explicitamente sua tese sobre a importância do senso de percepção e experiência emocional da existência corporal (*Leiblichkeit*) do outro, a fim de atingir um senso de reconhecimento e compreensão mútuos. Feuerbach é crítico de ambas as imagens de Deus no cristianismo, objetando tanto ao conceito de Deus como um humano não corpóreo quanto ao de Deus como razão (*die Vernunft*) abstrata e universal.

Embora Feuerbach não negue aos seres humanos a faculdade de entendimento racional, a capacidade pela qual eles se diferenciam do animal, ele vê a crença na organização racional divina do mundo como uma mera projeção de uma humanidade que criou um ser mais poderoso, semelhante ao humano, para amenizar seu medo do mundo natural imprevisível do qual eles próprios ainda constituem uma parte. Nessa estrutura, a razão divina representa uma força com a capacidade de superar a crueldade das leis naturais e de tomar decisões em favor dos humanos, mas Feuerbach é um racionalista estrito que acredita que qualquer tipo de racionalidade atribuída a Deus é, em última análise, derivada da própria natureza; a existência de Deus, portanto, carece de qualquer base racional e é vista por Feuerbach como uma sensação [*sensation*] do homem (Feuerbach, 1989, § 3, p. 284).

A razão não pode se contentar no indivíduo; ela tem sua existência adequada somente quando tem a espécie como seu objeto, e a espécie não como ela já se desenvolveu no passado e no presente, mas como ela se desenvolverá no futuro desconhecido. Na atividade da razão, sinto uma distinção entre mim e a razão em mim; essa distinção é o limite da individualidade; no sentimento, estou consciente de nenhuma distinção entre mim e o sentimento; e com essa ausência de distinção há uma ausência também do senso de limitação. Portanto acontece que para muitos homens a razão parece finita, e apenas o sentimento, infinito. E, de fato, o sentimento, o coração do homem como ser racional, é tão infinito, tão universal quanto a razão; já que o homem só percebe e entende verdadeiramente aquilo pelo qual tem sentimento. Assim, a razão é a essência da Natureza e do Homem, libertada de limites não essenciais, em sua identidade; é o ser universal, o Deus universal. O coração, considerado em sua diferença da razão, é o Deus privado do homem; o Deus pessoal é o coração do homem, emancipado dos limites ou leis da Natureza (Feuerbach, 1989, § 4, p. 285).

Stewart enfatiza corretamente que nem Deus nem a religião teriam qualquer significado expressivo para os humanos se as histórias contadas em textos e tradições religiosas ou mitológicas não retratassem características tipicamente humanas e mostrassem sentimentos e preocupações humanas reais, como amor, simpatia ou raiva. Deus possui esses atributos humanos porque está profundamente interessado na salvação da humanidade ou é porque os humanos projetam muitos de nossos próprios sentimentos e preocupações em Deus? “Se Deus fosse radicalmente separado e outro, então como ele poderia ser relevante para nós?” (Stewart, 2021, p. 104). Para ter relevância para os humanos, Deus deve assemelhar-se a nós em algum grau; isso pode ser observado na pessoa de Jesus, Deus feito carne e osso, uma figura que Stewart vê como representante de outra característica predominantemente hegeliana na filosofia de Feuerbach e sua percepção da religião, chamando atenção especial para a definição de liberdade e personalidade de Hegel, que é incorporada na teoria hegeliana do reconhecimento mútuo. Stewart observa a crença de Hegel de que o reconhecimento mútuo só é possível entre dois indivíduos livres que se percebem como iguais e cuja decisão de reconhecer uns aos outros é, em consequência, um ato voluntário (Hegel, 2018, p. 389). O resultado desse reconhecimento pode ser amizade ou amor, formas de relacionamentos que Hegel sugere que foram concedidas à humanidade por Deus através da pessoa de Cristo, a concepção cristã específica de Deus que permitiu o desenvolvimento do relacionamento concreto e individual entre o divino e o corpóreo. Em contraste com Feuerbach e apesar da humanidade notavelmente corpórea de Cristo, a compreensão hegeliana da religião continua a perceber Deus como uma entidade externa, um ser abstrato que pode agir de uma forma perfeitamente moral enquanto ainda fornece aos seres humanos uma lei moral derivada externamente que eles são obrigados a obedecer. Feuerbach adota uma abordagem muito diferente para essa ideia:

Então, a compreensão de Deus como um agente moral é simplesmente a transferência da compreensão humana da moralidade para algo externo. Mas a compreensão de Deus como um ser moral está muito além da capacidade humana de perceber. Essa concepção nos torna agudamente conscientes de nossas próprias deficiências morais. Quando nos comparamos ao ser moralmente perfeito, sempre ficamos aquém. Isso ressalta a desunião radical e a separação do divino (Stewart, 2021, p. 105-106).

Aqui, Stewart demonstra que, apesar da forte influência que Hegel exerceu em seu pensamento, Feuerbach está se movendo na direção oposta; em vez de ver

a tentativa de Deus de alcançar os humanos diretamente por meio da pessoa de Cristo, ele argumenta que, de fato, são os humanos que escolhem perceber Deus como um indivíduo com atributos humanos característicos, independentemente de isso assumir ou não a forma da figura de Cristo. Conseqüentemente, não é Deus quem dá a lei moral à humanidade, mas exatamente o oposto; os humanos estão transferindo seu próprio ideal do que é moral para Deus. A compreensão hegeliana da religião pode muito bem satisfazer a necessidade humana de segurança, mas, como argumenta Feuerbach, esta sensação [*sense*] temporária de satisfação causa, a longo prazo, a ruptura entre Deus e o humano e a separação do humano de sua verdadeira essência, pois considera o ser humano não como sendo feito à imagem de Deus, mas como uma criatura fraca, pecadora e vulnerável, uma entidade que é o polo oposto do Deus moralmente perfeito, eterno e todo-poderoso.

4.

Este dilema pode ser resolvido com sucesso através do fenômeno do amor, e, como Stewart observa, a crença na natureza unificadora do amor é compartilhada por Hegel, Feuerbach, os cristãos e os críticos do cristianismo; mais uma vez, no entanto, está claro que eles não entendem isso da mesma forma. De acordo com Hegel é “a doutrina cristã, é o amor que resolve essa divisão e desunião. Por amor, Deus perdoa a pecaminosidade humana. Então, como a perfeição moral, o amor é uma qualidade divina” (Stewart, 2021, p. 106). Em Feuerbach, no entanto, “aqui novamente temos uma propriedade humana, o amor, que é atribuída ao ser divino” (Stewart, 2021, p. 106). Feuerbach vê a capacidade de amar, como demonstração de compaixão e misericórdia e, perdoar, como as mais altas qualidades humanas, componentes vitais das habilidades sociais e da solidariedade que permitem relacionamentos saudáveis dentro da família ou da comunidade mais ampla de humanos e, portanto, a sobrevivência de seus membros individuais. Nessa linha de pensamento, qualquer habilidade, característica ou sentimento específico que seja estimado por comunidades ou sociedades humanas pode ser considerado um atributo do divino. Portanto, a capacidade de criar uma lei moral pertence ao humano que pode aplicar sua razão para desenvolver um senso moral e a capacidade de sentir e mostrar um amor recíproco por outros seres; este é um sentimento que é essencialmente humano e verdadeiramente divino.

Ser como objeto do ser – e somente isso é verdadeiramente, e merece o nome de, ser – é ser sensual [*sensuous being*]; isto é, o ser envolvido no senso de, sentimento e amor. Ou em outras palavras, ser é um segredo subjacente à percepção, sentimento e amor. Somente no sentimento e no amor tem o demonstrativo disto – esta pessoa, esta coisa, isto é, o particular – valor absoluto; somente então é o finito infinito: Nisto e somente nisto consistem a infinita profundidade, divindade e verdade do amor. Somente no amor reside a verdade e a realidade do Deus que conta os cabelos da sua cabeça. O próprio Deus cristão é somente uma abstração do amor humano e uma imagem dele. E uma vez que demonstrado isto deve seu valor absoluto somente ao amor, e somente no amor – não no pensamento abstrato – que o segredo do ser é revelado. Amor é paixão, e paixão sozinha é a marca distintiva da existência. Somente aquilo que é um objeto de paixão, existe – seja como realidade ou possibilidade. O pensamento abstrato, que é desprovido de sentimento e paixão, abole a distinção entre ser e não ser; inexistente para o pensamento, essa distinção é uma realidade para o amor. Amar nada mais é do que tornar-se consciente dessa distinção. É uma questão de completa indiferença para alguém que não ama nada, se algo existe ou não e seja o que for. Mas assim como o ser, como distinto do não-ser, é dado a mim através do amor ou do sentimento em geral, assim também tudo o mais que é diferente de mim é dado a mim através do amor (Feuerbach, 2012, § 33, p. 226).

Da mesma forma, para Hegel e para Feuerbach, “o amor, portanto, representa outro ponto importante de unidade entre o humano e o divino” (Stewart, 2021, p. 106), mas cada um percebe essa unidade de suas próprias maneiras distintas. Hegel está focado em superar essas diferenças, e essa preocupação particular também é primordial em seu conceito de amor. O amor não apenas assegura a unidade entre o Deus perfeito e o ser humano pecador, mas também garante a unidade entre dois seres humanos separados que se tornam um tanto no amor quanto por meio dele. Se essa unidade não se desenvolve inicialmente dentro de um relacionamento, então certamente acontece quando um casal traz uma criança ao mundo, o produto de seu amor e uma manifestação da unidade perfeita de ambos os pais (Hegel, 1971, p. 249). Dada a rejeição de Feuerbach da ideia de que Deus é uma entidade autônoma e externa, existindo além dos seres humanos, qualquer amor que Deus direciona a um humano deve ser o mesmo que aquele que um humano sente por outro humano, e isso também deve ser o caso do amor que um humano sente por Deus. A única forma verdadeira de amor é aquela que existe entre humanos, mas esse amor é um fenômeno diverso que pode ser percebido de muitas maneiras e gerar um amplo espectro de sentimentos. A afirmação de que “segundo Feuerbach, a diferença entre Deus e o ser humano não é uma questão qualitativa, mas quantitativa” (Stewart, 2021, p. 110) leva a duas consequências significativas. O primeiro deles é epistemológico e está conectado à razão pela qual podemos considerar os humanos como dotados de uma forma que é negada aos animais. O segundo está ligado aos nossos sentimentos, às relações intersubjetivas que

nos permitem ver Deus em outros humanos. É esse segundo aspecto que devemos focar, dada sua relação próxima com o conceito de amor de Feuerbach.

Em contraste com Hegel, Feuerbach chama a atenção para a alteridade do outro tanto na amizade quanto nos relacionamentos amorosos. Ele argumenta que é precisamente esse senso de diferença que torna os relacionamentos intersubjetivos tão gratificantes; o amor real, o amor por um humano concreto e corpóreo, é tão difícil de ser alcançado, dada a impossibilidade de superar a alteridade do outro. Paradoxalmente, essa impossibilidade evoca um sentimento de completude enquanto simultaneamente inflige dor.

Tradicionalmente, as pessoas foram ensinadas a amar a Deus como um outro externo e transcendente. Agora, Feuerbach afirma, as pessoas podem começar a amar umas às outras; isto é, a realizar o comando de amar outros seres humanos. Não precisamos mais dissipar nosso amor em alguma ilusão, mas agora ele pode ser dado a seres humanos concretos que são considerados absolutos em si mesmos. Nosso mundo mundano assume uma importância própria quando o verdadeiro valor do humano é realizado (Stewart, 2021, p. 116).

Além disso, isso torna evidente porque é tão fácil proclamar o amor ao outro perfeito, externo e transcendente, o ser cuja alteridade não pode ser sentida em sua totalidade, profundidade; a incognoscibilidade de Deus é semelhante àquela sentida no caso do nosso amor pelo outro humano, imperfeito, concreto, corporal. Quanto à segunda consequência, Deus não pode existir como uma entidade separada, separável do ser humano porque, em última análise, ele é apenas uma projeção de atributos humanos em algo externo. Os atributos que são atribuídos a Deus são tão vastos que não podem ser possuídos por nenhum ser humano. Deus não é um mistério, apenas compreensível aos humanos através do ato místico da Revelação; consistindo como Deus faz de atributos humanos os seus, ele pode ser compreendido através da razão humana na mesma medida em que podemos compreender outros humanos. De fato, como Stewart observa, Feuerbach rejeita a teoria da Revelação por dois motivos. Em sua opinião, ela não é apenas cheia de absurdos e contradições, mas é até mesmo desdenhosa da essência do que significa ser humano porque nega a capacidade humana de compreensão baseada na razão. A natureza de Deus como uma entidade antropomórfica pode ser compreendida apenas na mesma medida em que podemos compreender a natureza da humanidade.

A argumentação de Stewart sobre a influência do pensamento de Hegel na antropologia e na filosofia da religião de Feuerbach é elaborada em detalhes e com grande precisão. O impacto da filosofia do espírito de Hegel é claramente formulado,

especialmente na compreensão de Feuerbach da consciência e da autoconsciência como o produto da racionalidade humana e os pressupostos epistemológicos mais importantes sobre o surgimento da religião. O mesmo pode ser dito sobre a descrição do movimento da ideia para o material, embora neste caso Feuerbach tenha adotado uma abordagem oposta. Um aspecto do tema que pode se beneficiar de um desenvolvimento mais aprofundado é o aspecto emocional da religião, em particular a argumentação sobre as raízes emocionais de seu surgimento em termos do senso de dependência absoluta. Como foi mencionado acima, Feuerbach estava em geral de acordo com Schleiermacher e Jacobi sobre a importância dos sentimentos e emoções, embora ele não sustentasse sua atitude romântica. Feuerbach criticava ativamente a superestimação e divinização de Jacobi do Eu em seu relacionamento com o Tu, uma abordagem que era comum na era do Romantismo, na qual o papel do indivíduo especial, muitas vezes visto inicialmente como uma figura externa, era considerado crucial e divino. Feuerbach, no entanto, rejeita essa abordagem romântica aos sentimentos e emoções e, em vez disso, adota uma perspectiva antropológica. Ele se recusa a idealizar o Eu e o Tu como indivíduos, e não aborda o relacionamento entre eles. Ele também contesta a afirmação hegeliana de que a ideia do amor como a emoção mais significativa e o vínculo entre eu e tu combina duas pessoas em uma única pessoa. A definição de amor de Feuerbach é cheia de resistência baseada na impossibilidade de superar o simples fato de que eu e tu permanecemos dois sujeitos diferentes, mesmo quando unidos no amor, uma postura que tem uma base mais forte na realidade. No entendimento de Feuerbach, o amor não é a solução para os problemas dos seres humanos, nem é uma panaceia universal para todos os problemas da existência humana. Como acontece com todos os outros sentimentos e emoções, o amor tem um importante valor cognitivo; oferece um conhecimento concreto sobre si mesmo, como é refletido no outro, em um Tu. É esse aspecto que diferencia a percepção de sentimentos de Feuerbach dos conceitos encontrados no Romantismo ou no Idealismo Alemão. Feuerbach vê o senso de dependência absoluta combinado com a capacidade de pensamento abstrato como as razões mais importantes para a existência da religião e da ciência, as duas tentativas arquetipicamente humanas de compensar o sentimento inerente de vulnerabilidade, e isso torna o tema digno de investigação mais aprofundada.

Referências

REITEMEYER, U.; POLCIK, T.; GATHER, K.; SCHLÜTER, S. (eds.). **Das Programm des realen Humanismus. Festschrift für Ludwig Feuerbach zum 150. Todesjahr.** Münster: Waxmann, 2023.

FEUERBACH, L. Principles of Philosophy of the Future. *In: The Fiery Brooks: Selected Writings.* Tradução: Z. Hanfi. London and New York: Verso, 2012. p. 176-246.

FEUERBACH, L. **The Essence of Christianity.** Tradução: G. Eliot. New York: Prometheus Books, 1989.

HABERMAS, J. **Auch eine Geschichte der Philosophie, Vols. 1 e 2.** Berlin: Suhrkamp Verlag, 2019.

HABERMAS, J. **Also a History of Philosophy: The Project of a Genealogy of Postmetaphysical Thinking, Vol. 1.** Cambridge: Polity Press, 2023.

HALÍK, T. **Patience with God. The Story of Zacchaeus Continuing in Us.** Tradução: G. Turner. New York: Doubleday, 2009.

HEGEL, G. W. F. Frühe Schriften, Vol. 1 (Auf der Grundlage der Werke von 1832 – 1845 neu edierte Ausgabe). *In: MICHEL, K. M.; MOLDENHAUER, E. (eds.). G. W. F. Hegel. Werke in 20 Bänden mit Registerband.* Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2011.

HEGEL, G. W. F. Phenomenology of Spirit. Tradução: T. Pinkard. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

KOČÍ, M. Searching the Altar of an Unknown God: Tomáš Halík on Faith in a Secular Age. *In: HALIK, T.; HOSEK, P. (eds.). A Czech Perspective on Faith in a Secular Age.* Washington D.C.: The Council for Research in Values and Philosophy, 2015. p. 97-126.

REITEMEYER, U. **Praktische Anthropologie oder die Wissenschaft vom Menschen zwischen Metaphysik, Ethik und Pädagogik.** Wendepunkte. Münster: Waxmann, 2019.

STEWART, J. **Hegel's Century: Alienation and Recognition in a Time of Revolution.** Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

TOMASONI, F. **Ludwig Feuerbach. Entstehung, Entwicklung und Bedeutung seines Werks.** Münster: Waxmann, 2015.

WEIL, S. **Waiting for God.** New York: Harper Collins, 2009.